

**40 ANOS DE *A HORA DA ESTRELA*:
DOS MENORES, O MELHOR LIVRO DO MUNDO**

*Sérgio Antônio Silva**

Para Lucía Castello Branco e Paloma Vidal,
pelas palavras parceiras, os livros trocados, a
vida vista pela vida.

RESUMO:

Este artigo apresenta uma análise gráfica das edições recentes da obra de Clarice Lispector, com ênfase naquelas em que há o uso de fotografias da autora nas capas dos livros. Após essa análise mais ampla, concentra-se na edição comemorativa dos 40 anos de *A hora da estrela*, cujo projeto gráfico baseia-se, para além das fotografias, na utilização dos manuscritos do livro. Para isso, o artigo dialoga com o texto de Paloma Vidal escrito para essa edição, a partir de uma pesquisa de arquivo. Assim, propõe-se uma discussão acerca do objeto livro, da relação entre palavra e imagem, dos paratextos editoriais e dos lugares de autoria que circundam a obra literária.

PALAVRAS-CHAVE: *A hora da estrela*; Análise gráfica e editorial; Clarice Lispector; Edição comemorativa de 40 anos.

Lembrar, ou lembrar-se de que, na origem individual da escrita, há um amor pelo livro, pelo Objeto-livro, um gosto *estético* (no sentido forte do termo) por um tipo de Objeto: acredito (pelo menos, esta é a minha doutrina) [...]. Escrever – pelo menos segundo meu desejo e minha experiência – é *ver* o livro, ter uma visão do livro: *No horizonte, o livro.*

[...]

* Doutor em Literatura Comparada pela UFMG. Pós-doutor em História da Cultura pela Universidade Nova de Lisboa. Professor e pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Design da Universidade do Estado de Minas Gerais. Autor dos livros *A hora da estrela de Clarice e Papel, penas e tinta: a memória da escrita em Graciliano Ramos*, e organizador do Livro dos tipógrafos.

De modo geral, poderíamos nos arriscar a definir a obra *como uma relação cinética entre a cabeça e a mão*. Escrever consiste, talvez, em não pensar mais depressa do que a mão pode ir, em dominar a relação, em otimizá-la. Daí pode-se compreender o cuidado maníaco (ele assim parece aos outros) na escolha das penas, do papel etc., “mania” de que caçoam toalmente os que só vêem nisso uma fantasia maluca, própria dos escritores, raça à parte, como se sabe.

Roland Barthes. *A preparação do romance II*, p. 254; 282.

Livros manuseados

Em Lisboa, como em outras cidades portuguesas, há importantes livrarias voltadas ao comércio de “livros manuseados”. No Brasil, procuramos nos sebos por “livros usados”, expressão que não tem a mesma indicialidade da outra, a portuguesa, a mesma potência de alvejar, nos livros, mãos alheias de leitores primeiros. Manusear um livro não é só usá-lo, no sentido de torná-lo gasto ou de procurar nele uma simples função. É sentir, pelo tato, o passar das folhas, perceber de forma sutil e indefinida o alcance das imagens e das letras impressas – pensamos aqui num livro, na falta de outra definição, *literário* – e, nesse campo de sinais e letras impressas, penetrar, descobrir, lembrando o título de um livro de Clarice Lispector, *A descoberta do mundo*. Manusear um livro é, finalmente, um ato de amor, o amor ao corpo do livro, como é amor ao corpo – da palavra, do feminino, de Deus – o tato, no poema “Pêssego”, de Manoel de Barros (2007, p. 61):

Proust
 Só de ouvir a voz de Albertine entrava em
 orgasmo. Se diz que:
 O olhar de voyeur tem condições de phalo
 (possui o que vê).
 Mas é pelo tato
 Que a fonte do amor se abre.
 Apalpar desabrocha o talo.
 O tato é mais que o ver
 É mais que o ouvir
 É mais que o cheirar.
 É pelo beijo que o amor se edifica.
 É no calor da boca
 Que o alarme da carne grita.
 E se abre docemente
 Como um pêssego de Deus.

A pele, assim como o papel e a poesia, é um pêssego a ser tocado por “mãos docemente abertas, fonte de amor às palavras” (CASTELLO BRANCO, 2017). Esse amor que passa pelo tato, no universo da gravura,¹ nós o encontramos oportunamente, numa exposição póstuma do gravador português David de Almeida, direcionado a um campo a que os curadores da exposição chamaram de *a ética da mão*.

O que se abre ao olhar na obra de David de Almeida é plural e incontido como uma biblioteca. São marcas, incisões, texturas, feitas da matéria e do espírito comuns aos livros, que tanto nos convocam para o imaginário das coisas simples como nos projetam na constelação intemporal da interpretação do mundo, tão múltipla como a expressão humana que lhe dá forma, num *continuum* sempre inacabado de ciclos de re-encontro e descoberta. A mão que segura um livro, escreve um texto ou riscar uma imagem, pode simbolizar a própria condição desse *continuum*, ao mesmo tempo fugaz e perene, individual e coletivo (DAVID DE ALMEIDA, 2014, p. 7).

Como um corpo vivo, o livro pulsa nas mãos. O leitor aí é convidado a escrever sua leitura, com traços, notas e marcas. “Longe da voracidade do livro digital”, tendo sido feito para ser tocado e folheado por mãos humanas, o livro impresso – assim como a coletânea de gravuras de David de Almeida – possui um “sentido ético contemporâneo que respeita o valor da ancestralidade” (DAVID DE ALMEIDA, 2014, p. 14). Nesse sentido, uma das séries da exposição intitula-se: “Gravura antes da gravura”. A partir de substâncias muito antigas, essas gravuras remetem-nos a diversos períodos da formação da Terra, como que a evocar o lastro de um tempo remoto revivido pelo gesto de gravar, segundo a *ética da mão*: “pasta de pedra, argila expandida, arenitos contendo restos de fósseis marinhos, detritos orgânicos ou o carborundo, material próximo do carvão e da terra queimada.” (DAVID DE ALMEIDA, 2014, p. 13).

¹ Seja a gravura em metal, a buril ou a água forte, à maneira negra, ou na madeira, não importa a técnica, a gravura se faz na passagem da matriz ao papel, compondo, assim, o paradoxo de uma série de peças únicas, tal como um livro tipográfico.



Figura 1: Holoceno, 1995, 100 x 70 cm. Gravura em pasta de pedra e carborundo. Devoniano, 1995, 100 x 70 cm. Gravura em pasta de pedra. Ambas da série “Gravura antes da gravura”, de David de Almeida. Fonte: DAVID DE ALMEIDA. *A ética da mão: gravura em retrospectiva*, 2014.

Assim é o livro antes do livro, matéria viva feita à mão, comumente no papel (hoje na tela, noutra virada tecnológica), com um instrumento ou dispositivo (pena, lápis, tinteiro ou esferográfica, máquina de escrever ou *laptop*),² não importa, algo que facilite às mãos³ compor rascunhos, roteiros, projetos mais ou menos dados como acabados – um original, assim chamado no ramo da edição – para um futuro livro, um livro por vir.

Antes da hora, antes do livro

Chegamos, assim, ao nosso objeto. O livro antes do livro, antes da hora, no caso tomado como mote, a se traduzir em conceito, para a edição comemorativa dos 40 anos de *A hora da estrela*, a história de vida e morte de Macabéa, “a menor mulher do mundo” (CASTELLO BRANCO, 2017), a derradeira e surpreendente novela de Clarice Lispector,

² O *laptop* e a escrita digital nos fazem pensar em outro conceito de manuscrito, tal como a máquina de escrever o fez a seu tempo.

³ Devemos, contudo, considerar que existem modos de escrever que não usam necessariamente as mãos.

que morrerá no mesmo ano de seu lançamento, em 1977. Ou seja, estamos diante de nada mais, nada menos que os manuscritos de *A hora da estrela*, escritos por Clarice em papéis esparsos e organizados em parceria com Olga Borelli. Estamos juntos com Paloma Vidal – Lucia Castello Branco, para sempre orientadora e minha “companheira filosófica” neste texto, e eu, juntos também, no momento, com Clarice Lispector e Olga Borelli –, em sua leitura do “texto escrevível” que são os manuscritos:

O texto escrevível é um presente perpétuo, no qual não se vem inscrever nenhuma palavra *conseqüente* (que, fatalmente, o transformaria em passado); é a *mão escrevendo*, antes que o jogo infinito do mundo (o mundo como jogo) seja cruzado, cortado, interrompido, plastificado por algum sistema singular (Ideologia, Gênero, Crítica) que venha impedir, na pluralidade dos acessos, a abertura de redes, o infinito das linguagens (BARTHES, 1992, p. 39 – Grifos do autor).

Pois, na realização do livro dos 40 anos, a editora convidou a escritora e tradutora Paloma Vidal para “escrever uma crônica do encontro com os manuscritos do livro” (VIDAL, 2017, p. 11). Além da Rocco, certamente participa do projeto o Instituto Moreira Salles (IMS), que tem a guarda do acervo desde 2004, quando “os manuscritos chegaram ao Instituto [...] trazidos por Paulo Gurgel Valente, o filho que se desprende, aos poucos, dos escritos da mãe, para que outros os manuseiem.”⁴ (VIDAL, 2017, p. 13).

Esse evento – a transferência de grande parte do acervo de Clarice Lispector da Fundação Casa de Rui Barbosa para o IMS, ainda que com direitos reservados aos herdeiros – inaugura uma nova etapa, em termos de curadoria e publicidade dos documentos, sobretudo em meios digitais. Basta navegar pelo *site* dedicado à autora,⁵ criado pelo IMS, para encontrarmos, por exemplo, em imagens de boa definição, uma *caderneta* inteira, ou mesmo muitas das folhas avulsas (com as notas de Olga Borelli) dos manuscritos de *A*

⁴ Antes, o acervo ficava na Fundação Casa de Rui Barbosa. Essa parte dos manuscritos era restrita, o acesso só se dava com autorização expressa do escritório que cuidava dos direitos para os herdeiros.

⁵ www.claricelispectorims.com.br

bora da estrela.⁶ O que não faz, contudo, que não haja comoção no manuseio dos manuscritos originais, escritos à tinta, à mão, em papel. Como nos lembra Lucia Castello Branco: “Não deploramos sobre o corpo dela – a caligrafia”, escreveu, certa vez, Maria Gabriela Llansol. Não a deploro, antes comovo-me com as mãos de Paloma Vidal, tocando as mãos de Olga Borelli e as de Clarice Lispector, nessa abertura ‘antes da hora.’”

A própria Paloma Vidal, no texto a que Lucia se refere,⁷ após descrever o momento de visita ao arquivo e do contato com “uma caixa que brilha de tão branca” – a caixa dos manuscritos que lhe fora entregue, pela funcionária do Instituto, junto com um par de luvas de plástico, “numa pequena sala envidraçada e iluminada artificialmente” (VIDAL, 2017, p. 9) –, questiona-se acerca da emoção que a espera, tendo em vista o fato de já conhecer os documentos, que lhe tinham sido enviados em formato digital (possivelmente, tal como hoje podemos conhecê-los, pelo *site* do IMS), junto com a encomenda da crônica, pela editora. Diante da lembrança de intensa comoção e choro, por ocasião de uma visita a outro arquivo, tempos antes, quando esteve com as fichas manuscritas do *Diário de luto*, de Roland Barthes, a autora se pergunta:

Junto com o pedido de escrever uma crônica do encontro com os manuscritos do livro [...], vieram as imagens desses papéis, que no entanto eu fazia questão de ver ao vivo. Por quê? Se tivesse me feito essa pergunta antes de abrir a caixa branca, teria respondido que era por causa daquela outra experiência, com o diário de Barthes. Eu queria aquela emoção, mas eu desconfiava de que ela não viria do mesmo modo, uma vez que o encontro já havia acontecido (VIDAL, 2017, p. 10).

Mais adiante, percebemos que a emoção de manusear os documentos independe do seu conhecimento prévio, via imagem digital; trata-se de um entendimento por outra

⁶ Além disso, o *site* traz outros conteúdos, como o que promove o dia comemorativo de nascimento de Clarice Lispector, com o nome “A hora de Clarice”, e também vasto material sobre os 40 anos do livro *A bora da estrela*, incluindo uma entrevista com Paloma Vidal (tradutora de *Un soplo de vida* e *La legión extranjera*, publicados na Argentina pela editora Corregidor em 2010 e 2011) e Katrina Dodson (tradutora de *The complete stories*, publicado nos Estados Unidos e vencedor do prêmio *Pen Translation Prize 2016*) sobre tradução.

⁷ “E agora – uma crônica do encontro com os manuscritos de *A bora da estrela*”.

via, a experiência da memória como recomeço, o arcaico trazido à cena pelo trabalho do artista.⁸ Ao abrir a primeira pasta, Paloma, que, num gesto fraterno, evoca para esse ato alguns “amigos de leitura” (“Eu não abri a caixa sozinha. Todos eles a abriram comigo”) (VIDAL, 2017, p. 12), depara-se com a classificação e organização próprias do arquivo – tamanho das pastas de acordo com o tamanho dos originais, títulos das pastas correspondentes às primeiras palavras da primeira folha dos manuscritos etc.

Tudo isso supõe o trabalho manual de alguém. “O arquivo supõe o arquivista; uma mão que coleciona e classifica”, escreve Arlette Farge em *O sabor do arquivo*. Penso nessas mãos enquanto passam pelas minhas as pastas, que por enquanto não abro. Penso que este arquivo supõe muitas mãos, antes das minhas. E que muitas outras virão, em busca dessa sobrevivência, desse vestígio de real, tão vivo quanto inacessível. (VIDAL, 2017, p. 12)

É esse objeto vivo da escrita, vestígio de real, esse sopro de vida de Clarice Lispector que Paloma procura – e encontra, em forma de crônica – no arquivo. Nada a ver com a morte, de acordo com Lucia Castello Branco: “E, para quem sempre foi atravessada pelo sopro densamente vivo dessas escritoras [Clarice Lispector e Maria Gabriela Llansol], nada ali é ligeiro, nada ali é morto”.⁹

O arquivo, para ser vivo, para se inscrever no registro da “vida vista pela vida”, (LISPECTOR citada por CASTELLO BRANCO, 2017) precisa do gesto de abrir mão, como vem fazendo, ainda que aos poucos e timidamente, o filho Paulo Valente, num misto de sentimento e estratégia. Abrir mão, no caso, da guarda de objetos de valor tanto técnico, documental, quanto afetivo, para os estudos da obra clariceana, para que o público-leitor possa participar mais diretamente das histórias que os documentos resguardam, seus enigmas e encantamentos:

⁸ A autora da crônica descobre, aos poucos, no manuseio da caixa, folhas não escaneadas e detalhes como um trecho de *A hora da estrela* no verso de uma “requisição de cheques” que, no material que lhe fora enviado, em formato digital, não apareciam.

⁹ Alusão ao texto de Benjamin Moser, “A poeta do póstumo” (2017).

Na capa desta pasta, apenas o início da frase aparece copiada, seguida de reticências, usando uma régua como pauta imaginária, com uma letra muito caprichosa, que me lembra antigos cadernos escolares, a mistura de afeto e controle de escola primária. Copio o que o arquivista copiou na minha folha branca, mas sem régua, domesticando eu mesma a letra, que sai irregular e oscilante, por falta de prática recente. Quero esse gesto em mim, para estar um pouco mais perto do trabalho manual do arquivista. (VIDAL, 2017, p. 15)

Eis em circulação os manuscritos (no plural, como sugere Paloma, pois são folhas soltas, avulsas) de *A hora da estrela*: textualmente, na crônica do encontro, por Paloma Vidal; visualmente, no projeto gráfico do livro que abriga a crônica,¹⁰ a edição comemorativa dos 40 anos, “essa edição tão nobre de um texto em que a pobreza se coloca como o seu primeiro claro enigma” (CASTELLO BRANCO, 2017), tal como no fotograma (ou no *frame*, já que se trata de uma filmagem digital, a primeira do velho cineasta da *nouvelle vague*) de *Adieu à la langue*, de Jean-Luc Godard, em que o texto escrito, “je cherche de la pauvreté dans la langage”, compõe uma das muitas camadas da imagem – a grade, as mãos em uma tensa proximidade de toque, o braço do homem e o tronco, o rosto e a cabeça da mulher, a paisagem ao fundo e o olhar úmido e enternecido da personagem –, surgindo dessa junção entre o texto que evoca a pobreza e a imagem cinematográfica o véu de beleza que se espera de uma obra de arte.

¹⁰ Além disso, os manuscritos circulam em meio digital, no *site* do IMS dedicado exclusivamente à obra da escritora (claricelispectorims.com.br), e em outros ambientes de rede de que se vale o IMS, como, por exemplo, o banco de imagens *Pinterest*.



Figura 2: Fotograma de *Adieu à la langue*, filme de Jean-Luc Godard lançado em 2015. Fonte: www.cinecartaz.publico.pt

A nobreza da edição, observada por Lucia, dá-se materialmente, entre outros aspectos: a) pela quantidade e qualidade dos paratextos, o que faz com que o volume tenha quatro partes;¹¹b) pelo anúncio desses paratextos na parte superior da sobrecapa, com os dizeres: “Edição com manuscritos e ensaios inéditos”; c) pelo acabamento em capa dura; d) pelo formato um pouco maior do que o padrão para uma novela; e) pelo uso de sobrecapa em papel vegetal de gramatura relativamente alta; f) pelo papel pólen do miolo; g) pelo caderno em papel *couché*, para a impressão em cores, de imagens dos manuscritos; h) pela delicadeza do projeto gráfico em si, assinado por Izabel Barreto, que acerta na composição da capa com um recorte de uma foto do rosto de Clarice tratada com uma cor verde, o que parece dar um ar de atualidade à fotografia, sobreposta aos manuscritos, e acerta também na tipografia, no uso do *grid* ou malha,¹² da fotografia e, principalmente,

¹¹ A primeira parte, “Antes da hora”, concentra-se no citado texto de Paloma Vidal: “E agora – uma crônica do encontro com os manuscritos de *A hora da estrela*”. A segunda é *A hora da estrela*. A terceira, “A construção da estrela”, compõe-se de um caderno de dezesseis páginas, em papel *couché*, com as imagens dos manuscritos, trabalhadas de forma a compor uma espécie de narrativa visual. A quarta e última, “Depois da hora”, traz seis ensaios sobre *A hora da estrela*, de críticos renomados, desde sempre presentes no universo das leituras claricianas, como, entre outros, Hélène Cixous, Nádia Battella Gotlib e Eduardo Portella. A quarta seção conta ainda, em sua parte final, com seis páginas com reprodução dos manuscritos. Ao fim, somam-se 224 páginas de um livro que estreou, na citada edição da José Olympio, com 104 páginas, em formato bem menor.

¹² O *grid* pode ser definido como “a organização visual dos elementos dentro de um espaço utilizando linhas horizontais e verticais que se cruzam entre si. Sendo assim, a estrutura de informações fica mais concisa e melhor organizada, seguindo a arquitetura da informação e o ritmo de percepção. Como não existe padrão, o sis-

no trabalho com os manuscritos, que se inserem nas páginas de forma dinâmica, em várias posições e com *grids* variados, ora convidando à leitura verbal, ora destacando-se como imagem.

Quarenta anos atrás Clarice escrevia à mão, com a mão queimada,¹³ *A hora da estrela*. Antes do acidente, escrevia também à máquina, objeto sempre trazido à lembrança, em textos¹⁴ e fotos, como cena associada ao trabalho de escritora, como extensão das mãos. Ou nas capas de livros, como na da edição comemorativa dos 30 anos,¹⁵ remetendo também à Macabéa e seu trabalho como datilógrafa:

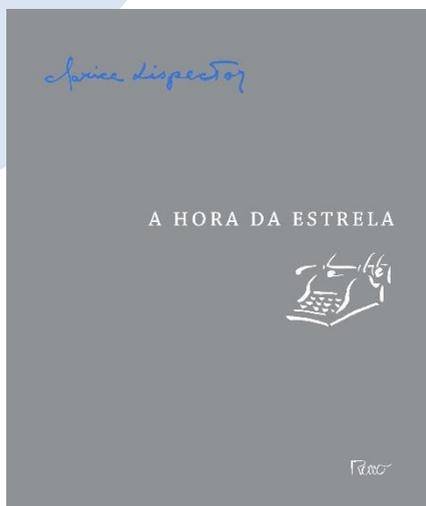


Figura 3: Capa da edição comemorativa dos 30 anos de *A hora da estrela*. Fonte: rocco.com.br

tema de *grid* é feito de acordo com a necessidade do projeto em questão.” <http://designculture.com.br>. Acesso em 20 out./ 2017.

¹³ Em um incêndio em seu apartamento, Clarice queima a mão direita.

¹⁴ “Gratidão à máquina” e “Máquina escrevendo” são exemplos de crônicas da autora a esse respeito. “Máquina escrevendo” é muito interessante, pois, na trama, quem escreve é a máquina, não a escritora.

¹⁵ Para a comemoração dos 30 anos de publicação, o livro ganha uma edição especial, com direito a novo projeto gráfico e dois CDs contendo o texto integral da novela na voz do ator Pedro Paulo Rangel e participação especial da cantora Maria Bethânia.

Poucos anos depois da morte de Clarice, entrava em decadência a máquina de escrever, frente à chegada veloz do computador pessoal e da internet. Após algumas décadas de pesquisas (e milênios de acúmulos mentais), de repente firmava-se para um público cada vez mais amplo a era digital da comunicação. Nunca mais a edição e a circulação de textos e imagens seriam as mesmas.

Sobre livros

Diante dessa mudança de paradigma de geração, conformação e circulação de texto e imagem provocada pelas tecnologias computacionais, e medições recentes da obra de Clarice Lispector, editoras como Cosac Naify, Companhia das Letras e Rocco, além do próprio detentor (apesar do filho Paulo) do arquivo, o IMS, intensificam, em seus produtos gráficos e editoriais impressos, digitais e em rede, o uso de fotografias da autora, muitas vezes cortada de forma a destacar o rosto, os olhos ou, ainda, as mãos, a escrever à máquina (objeto, por sua vez, eleito como signo do labor da escritora), a autografar um livro, a segurar um cigarro.

Além disso, a funcionar como índice do autógrafo da escritora, há uma assinatura recorrentemente aplicada em capas e em outros ambientes de destaque visual. A Rocco edita praticamente todos os títulos da sua obra, além de coletâneas como *Clarice na cabeciera*, com a assinatura na capa. Antes, a mesma assinatura aparece na emblemática página de rosto com os treze títulos de *A hora da estrela*, de onde parece ter saído para as capas.¹⁶

¹⁶ Não saberia precisar se este foi o primeiro uso dela, em livro impresso, nem quando ela migrou dessa página para alguma capa, entretanto, são informações a serem investigadas, em bibliografia e no próprio arquivo sob a guarda do IMS. Provavelmente, algum pesquisador já se ocupou disso.



Figura 4: Caixa que reúne os três livros da coletânea *Clarice na cabeceira*, com fotos dos anos 1950. Fonte: submarino.com.br

A assinatura remete à mão que escreve, assim vai-se construindo a aproximação do leitor com a escritora, pelo reconhecimento de sua letra. E de sua imagem fotográfica, principalmente sua face, seu olhar ora triste e lânguido, ora alegre e penetrante, sempre enigmático e sedutor. O ápice dessa junção de (auto)imagem e texto nos livros de Clarice Lispector são as biografias, a começar pela excelente *Fotobiografia* elaborada por Nádya Battella Gotlib.¹⁷

¹⁷ Ao longo de sua vida adulta, Clarice Lispector sempre era requisitada a posar para sessões de fotografia, para conceder entrevistas e matérias de capa, no tempo das revistas impressas de grande circulação nacional e do segundo caderno dos grandes jornais. Além disso, ela nunca deixara totalmente de lado a atuação na imprensa. Em seus livros, o uso de uma fotografia sua nas capas é constante, seja no Brasil ou no exterior.

Nesse sentido, anterior à *Fotobiografia*, podemos mencionar, da mesma autora, *Clarice, uma vida que se conta*, biografia lançada em 1995, pela Ática,¹⁸ e depois reeditada pela Edusp, com a imagem da capa composta por uma fotografia de meio corpo, com Clarice elegantemente vestida, a olhar para a câmara como se olha o infinito. O texto vem colocado sobre um fundo preto, à direita, à meia altura, de modo sóbrio.

Ainda no campo das biografias, há o livro de Teresa Cristina Montero Ferreira, *Eu sou uma pergunta*, editado pela Rocco, com um *grid* de capa bastante tradicional, com a uma fotografia em preto e branco de Clarice de corpo inteiro, num alpendre com flores à frente e o casario de Nápoles ao fundo. O nome da autora e o título são inseridos na parte superior da capa, dispostos sobre uma etiqueta de cor alaranjada. Já a capa do livro de Affonso Romano de Sant’Anna e Marina Colasanti, *Com Clarice*, tem essa mesma linguagem, porém, um pouco mais ousada na tipografia, que vem aplicada na horizontal e vertical, formando um L espelhado. Além disso, a foto escolhida, de uma Clarice jovem, da época da amizade de que, em suma, trata o livro, não é das mais recorrentes e conhecidas.



Figura 5: Capas de biografias de Clarice Lispector e do livro *Com Clarice*. Fonte: submarino.com.br

¹⁸ Na primeira edição, o livro saiu com capa (com contorno cinza em fundo preto) e sobrecapa (com contorno cinza sobre fundo marrom claro) que traziam como imagem o desenho, em traços finos, apenas contornos, do rosto de Clarice feito por Alfredo Ceschiatti. Além disso, a edição vinha com uma folha avulsa, no formato do livro (relativamente grande), em papel *couché*, com Clarice retratada por Carlos Selier, com uma citação na parte inferior da folha: “Escrever é procurar entender, é procurar reproduzir o irreproduzível, é sentir até o último fim o sentimento que permaneceria apenas vago e sufocador.” Por fim, na quarta capa, está a reprodução da pintura, óleo sobre tela, de Giorgio de Chirico.

Outros dois exemplos recentes vêm associados à figura de Benjamin Moser (ele, por si só, uma espécie de personagem ligado à “marca” Clarice Lispector para fins comerciais): *Clarice*, (assim, com vírgula no final) editado em 2009 pela hoje extinta Cosac Naify, e reeditado em 2017, com o título *Clarice, uma biografia*,¹⁹ pela Companhia das Letras, e a coletânea *Todos os contos*, pela Rocco, em 2016. A foto que estampa a sobrecapa da biografia é posicionada de forma a ser vista parcialmente na capa, onde veem-se as mãos da escritora em posição de datilografia, enquanto o rosto é visto de perfil, em toda a sua exuberância de ângulos, na lombada, numa feliz solução de design, dada a limitação de espaço.



Figura 6: Capas das edições brasileiras da biografia de Benjamin Moser, *Clarice, uma biografia*. Fonte: submarino.com.br

¹⁹ Uma das capas mais bem trabalhadas, a meu ver, pela aplicação da cor como um filtro, pelo recorte da foto e pela aplicação da tipografia, sobretudo no título, em que o sinal de vírgula envolve o título.



Figura 7: Foto de Clarice usada para compor a capa da edição brasileira (Cosac Naify) da biografia de Benjamin Moser (figura anterior). Fonte: cloudfront.net

O título original – *Why this world: a biography of Clarice Lispector* – foi publicado nos Estados Unidos, pela Oxford University Press e pela Penguin, em 2009 e 2014, respectivamente, com outras duas fotos, em distintas composições de capa; numa, rosto e mãos em destaque, em contraste ao fundo preto, numa foto da época em que Clarice morava nos Estados Unidos; noutra, mãos cobrindo o rosto, numa pose inusitada, teatral, na capa como que a duplicar o sentido da pergunta subentendida na sintaxe, já que não há ponto de exclamação: Por que este mundo.

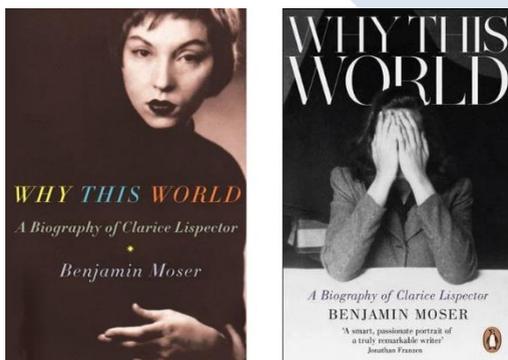


Figura 8: Capas das edições de *Why this world*. Fonte: br.pinterest.com

Já a lombada de *Todos os contos* é generosa, pois o livro, com encadernação de capa dura, tem 656 páginas. O estilo do projeto gráfico é o mesmo que, guardadas as diferenças, será mantido pela Rocco na edição dos 40 anos de *A hora da estrela*. Trata-se de uma sobrecapa com uma foto de rosto (com a mão pousada no queixo) trabalhada de forma a compor uma linguagem gráfica contemporânea. Aqui, os recursos utilizados foram: o posicionamento da foto na horizontal, o que causa certo estranhamento à primeira vista (o rosto é visto em pé, um olho sobre o outro, verticalmente) e que convida ao movimento para a horizontal ou à abertura da capa, para que ela possa ser vista desdobrada; e a aplicação de uma ferramenta disponível no *software* de edição de imagens que domina o mercado, o Photoshop, chamada *multiply*. O resultado disso são linhas magentas sobrepostas à fotografia, em forma estelar, saindo de um ponto central (no caso, do centro da boca, que é também o centro da folha desdobrada, no centro da lombada), dando cor ao preto e branco da foto, e movimento a uma pose estática.



Figura 9: Sobrecapa aberta de *Todos os contos*. Fonte: rocco.com.br

Curiosamente, uma das críticas²⁰ à biografia de Benjamin Moser diz respeito à leitura rude de uma fotografia de Clarice Lispector e Carolina Maria de Jesus. Ao olhar para a foto, podemos perguntar o motivo de o biógrafo “retirar” Carolina da cena, colocá-la fora de lugar, noutra lugar que não o de escritora num dia (ou noite) de lançamento de livro: o de empregada doméstica. Uma mulher – na foto comentada, na escrita e na vida (já que se trata de uma biografia) – com os mesmos (embora cada uma a sua maneira) atributos de Clarice: “um *porte altivo*, [...] um *feminino de ninguém* a ver. Viva, veloz, livre, altiva.” (LLANSOL citada por CASTELLO BRANCO, 2017, p. 96).

Numa foto, ela [Clarice Lispector] aparece em pé, ao lado de Carolina Maria de Jesus, negra que escreveu um angustiante livro de memórias da pobreza brasileira, *Quarto de despejo*, uma das revelações literárias de 1960. Ao lado da proverbialmente linda Clarice, com a roupa sob medida e os grandes óculos escuros que a faziam parecer uma estrela de cinema, Carolina parece tensa e fora do lugar, como se alguém tivesse arrastado a empregada doméstica de Clarice para dentro do quadro. Ninguém imaginaria que as origens de Clarice fossem ainda mais miseráveis que as de Carolina.²¹



Figura 10: Clarice Lispector e Carolina Maria de Jesus. Fonte: revistacult.uol.com.br

²⁰ Ver Benjamin Abdala Júnior, “Biografia de Clarice, por Benjamin Moser: coincidências e equívocos”.

²¹ <https://revistacult.uol.com.br/home/escritor-e-acusado-de-racismo-por-trecho-em-biografia-de-clarice-lispector/>

Diante de tantas fotos e biografias, diante do deslumbramento causado pela beleza de Clarice, que a faz parecer “uma estrela de cinema”, temos de voltar àquela questão de Paloma Vidal, no início de sua crônica: será que o fato de já termos visto exaustivamente fotografias de Clarice (sendo este texto, ele próprio, mais um meio de reprodução para essas fotos) determinaria a ausência de emoção ou comoção, ao revê-las, por exemplo, na edição comemorativa dos 40 anos de *A hora da estrela*? E quanto aos manuscritos, largamente reproduzidos no livro e, antes, no *site* do IMS? A resposta vem no depoimento de Lucia Castello Branco: “Sou, certamente, uma das fiéis que a leu ao longo das últimas quatro décadas. Mesmo assim, os olhos altivos de Clarice, na sobrecapa da edição comemorativa dos quarenta anos de *A hora da estrela*, são ainda capazes de me comover.” Quatro décadas de Clarice, pelo menos uma década de intensificação da publicação de suas fotos e, ainda assim, como Lucia, nos comovemos diante desse olhar enigmático, sinal de uma escrita por vir, a escrita da solidão, do feminino – o “feminino de ninguém”, segundo Lucia (2017), da pobreza e do amor.

Nesse sentido, na edição dos 40 anos, alguns aspectos merecem atenção, por se valerem justamente das fotografias e dos manuscritos. Um deles remete, de início, a um erro gráfico (quase sempre, resultado da escolha de um papel mais leve do que o necessário para suportar bem a carga de tinta) conhecido como “fantasma”, quando a sombra de uma página (quase sempre o verso dessa página) aparece na outra página, causando uma sobreposição de imagens (textuais ou não), ou uma “imagem ilusória”. Nesse livro, o fantasma não é um erro, mas um recurso de projeto propositadamente explorado. Assim, como a capa (e também a lombada e a quarta capa) é toda coberta pela imagem de uma folha manuscrita, em posição horizontal, e como o papel vegetal da sobrecapa possui certo nível de transparência, o que acontece é que, a depender da luz do ambiente e da posição como se segura o livro, a escrita passa a compor o rosto, como se fossem veias, numa “metáfora literal”, se fosse possível dizer assim, do corpo escrito. O mesmo recurso se repete na primeira página do livro, pelo visto, de uma maneira até mais interessante, posto que mais sutil: à medida que se passa a página, aumenta a escrita (que está, na mesma

posição horizontal, na página 2, ou seja, no verso da 1) sobre o rosto da jovem e bela Clarice Lispector.



Figura 11: Capa e sobrecapa da edição comemorativa dos 40 anos. Fonte: rocco.com.br

Outro recurso usado para dar evidência aos manuscritos foi o caderno em papel *couché*. Embora tenha perdido em textura (o *couché* é bem liso, o pólen ainda guarda certa maciez da polpa, ficando assim mais próximo da textura do papel original), esse caderno ganha em termos de qualidade de reprodução das imagens, seja nas cores, seja nos recortes dos papéis e suas bordas e outros detalhes desse nível.

Como ornamentação, destaca-se o desenho de uma estrela de oito pontas (quatro traços trêmulos cruzados), imagem muito bem capturada no meio de um manuscrito e aplicada no livro como uma vinheta que pode vir a ser uma marca, mais um ícone para *A hora da estrela*.

Finalmente, outro aspecto interessante da edição é o redesenho da referida página dos treze títulos. São feitas as seguintes mudanças, em relação à versão da edição *princeps*: a subtração de *A hora da estrela* como título principal, que, na edição da José Olympio, vinha na parte de cima da página; em seguida, a mudança de posição da assinatura, colocando-a onde originalmente estava o título principal, além, é claro, do uso de outra tipografia, mais fina e em caixa alta e baixa, diferente da tipografia em negrito e caixa alta da primeira versão. No mais, a inserção, no alto da página, dos dizeres “Edição com manuscritos e ensaios inéditos” e, embaixo, do logotipo da editora Rocco. Depois, a página dos

títulos foi usada como folha de rosto do volume como um todo, deslocando-se, portanto, de seu lugar original, no início do livro, logo após a “Dedicatória do autor (na verdade Clarice Lispector)”, sendo um paratexto importante para a narrativa que se inicia.

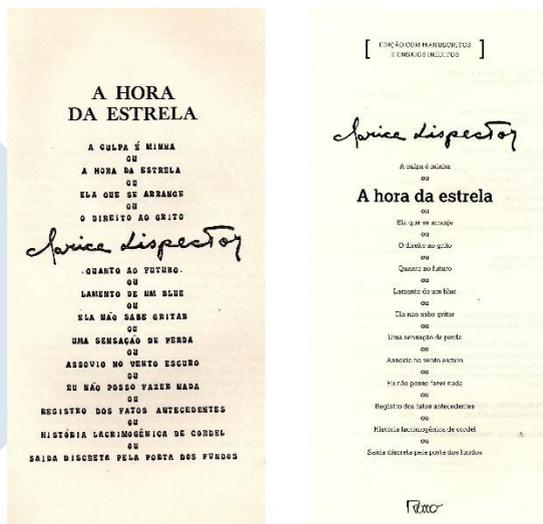


Figura 12: página dos treze títulos. Fonte: LISPECTOR, 1977; 2017.

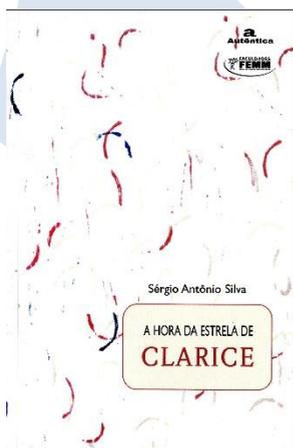
De volta ao começo

Pelo visto, vou parar antes da hora, sem ao menos alcançar a pobreza de Macabéa, “a menor mulher do mundo” em seu pequeno mundo comum, suas colegas de quarto, o namorado Olímpico, a colega de trabalho Glória, a máquina de escrever. Não vou acompanhar o seu *gran finale*, anunciado pelo narrador, Rodrigo S. M. No começo havia um sim, uma molécula e vida. E agora, a morte? E agora (explosão)? Agora, é preciso parar, mesmo antes da hora, antes d’*A hora da estrela*. Mas, antes:

Vamos abrir a última página? Vamos passar as páginas e vamos acompanhar Maca, mais uma vez. Porque se não há hora mais solitária do que esta, Clarice a copia e a recopia, com uma letra que já não segue a pauta, que fica mais e mais trêmula, a cada página.

“Sim, foi este o modo como eu quis dizer que – Macabéa morreu.” Sim, ela morreu, mais uma vez. “E agora – agora só me resta acender um cigarro e ir para casa. É tempo de morangos.” (VIDAL, 2017, p. 42)

São muitos os méritos da edição comemorativa dos 40 anos de *A hora da estrela*. De fato, ela só engrandece o sentimento que temos ao manusear um livro. Para mim, particularmente, essa edição proporcionou a alegria de conhecer textualmente, por ora, Paloma Vidal, e a alegria de reencontrar, mais uma vez textualmente, Lucia Castello Branco e, ainda, de relembrar o meu encontro com o texto de Clarice Lispector, minha pesquisa sob orientação da Lucia, publicada em livro, pela editora Autêntica, em 2005, com o título de *A hora da estrela de Clarice*.



Antes da hora para o Sérgio,
com um beijo
por Clarice ter nos
encontrado.
Lucia Castello Branco
Paloma Vidal

É agora – uma crônica do encontro com os manuscritos de A hora da estrela
Paloma Vidal

por Lucia Castello Branco

Um par de folhas de plástico, uma colcha que beija de tão branca, numa pequena sala entornada e iluminada artificialmente. Tudo ao seu redor quase ignoração ninguém. Justo lá e que sono. Em seguida uma pergunta sobre como esse sangue que entrou ali. Assim como e onde a colcha tentado não ser visto ao olhar para lá, serrada na encruzilhada conferida a nádua, alienação e vazante. Foi na quem um observo fôlta, breves tentativas, e um lugar que antes ignorava, sua gesto desdenhosamente assustado. Ela passa horas dentro desta sala, com intervalos para o almoço e para o banho, vendo como se altera e se fecha: se cansa, desce, com lindas, possantes, outras que suas qualidades próprias de que pode responder: daqueles que se alivia. Ela lá sua esse pensá-las e fazê-las vezes que poderia fazer uma tipologia: lá os que não, os que

Figura 13: Capa de *A hora da estrela de Clarice* e página da edição comemorativa de *A hora da estrela*. Fonte: Do autor.

Além disso, a comemoração dos 40 anos rendeu-me de presente um exemplar do livro, vindo de São Paulo, pelos Correios, com dedicatória da Paloma – um bloco de texto cuidadosamente desenhado no canto superior direito da página de abertura da crônica, um verdadeiro manuscrito em meio ao livro dos manuscritos: “para o Sérgio, com muita alegria por Clarice ter nos encontrado. Um beijo, Paloma.” Rendeu-me também um elo-

gio inestimável, acerca de minha leitura de *A hora da estrela*, e o posto de “companheiro filosófico” (o epíteto conferido por Llansol a Vergílio Ferreira, em *Inquérito às quatro condições*) dessa escritora tão *feminina de ninguém* que é a Lucia Castello Branco:

Deixo para Sérgio, meu “companheiro filosófico”, autor da mais precisa leitura de *A hora da estrela* que já li, a tarefa de comentar essa edição tão nobre de um texto em que a pobreza se coloca como o seu primeiro claro enigma. “Infelizmente, quanto mais pobre me sinto, com mais enfeites me enfeito”, Clarice teria confessado, certa vez, a Lúcio Cardoso (CASTELLO BRANCO, 2017).

Espero ter cumprido bem a tarefa que me foi passada, não só por Lucia, mas também por Maria das Graças Andrade e pelo Leonardo Francisco Soares, editores do número da revista *Fólio* dedicado a Clarice Lispector, de onde surgiu o convite para este artigo, amigos a quem sempre é bom reencontrar, ainda que à distância. E que novos encontros possam se dar, junto com Clarice Lispector.

40 YEARS OF THE NOVEL *A HORA DA ESTRELA* – OF THE MINORS, THE BEST BOOK IN THE WORLD

ABSTRACT:

This article presents a graphic analysis of recent editions of Clarice Lispector’s work, with emphasis on those in which the author’s photographs are used in the covers of the books. After this more extensive analysis, it concentrates on the commemorative edition of the 40 years of the novel *A hora da estrela*, whose graphic design is based, in addition to the photographs, in the use of the manuscripts of the book. For this, the article dialogues with the text of Paloma Vidal, which was written for this edition and departs from file researches. Thus, we propose a discussion about the book as an object, the relation between word and image, the editorial paratexts and places of authorship that surround the literary work.

KEYWORDS: *A hora da estrela*; Graphic and editorial analysis; Clarice Lispector; 40 years’ celebratory edition.

REFERÊNCIAS

ABDALA JÚNIOR, Benjamin. Biografia de Clarice, por Benjamin Moser: coincidências e equívocos. http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-4014201000300020. Acesso em 28 set. 2017.

BARROS, Manoel. *Poemas rupestres*. Rio de Janeiro: Record, 2007.

- BARTHES, Roland. *A preparação do romance*. São Paulo: Martins Fontes, 2005. Vol. I.
- _____. *A preparação do romance*. São Paulo: Martins Fontes, 2005. Vol. II.
- _____. *S/Z*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.
- CASTELLO BRANCO, Lucia. 40 anos de Macabéa, a menor mulher do mundo. (2017, Inédito).
- DAVID DE ALMEIDA. *A ética da mão*: gravura em retrospectiva. Comis. João Prates. Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal; Vila Velha de Rodão: Casa de Artes e Cultura do Tejo, 2014.
- LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1977.
- _____. *A hora da estrela*: edição com manuscritos e ensaios inéditos. Rio de Janeiro: Rocco, 2017.
- _____. Máquina escrevendo; Gratidão à máquina. In: LISPECTOR, Clarice. *Crônicas para jovens de escrita e vida*. Rio de Janeiro: Rocco Jovens Leitores, 2010. p. 57-60; 61-62.
- MOSER, Benjamin. A poeta do póstumo. *Quatro cinco um*. São Paulo: Abril Cultural, 2017, p. 24. [Prefácio à edição americana da *Trilogia dos rebeldes*, de Maria Gabriella Llansol].
- SILVA, Sérgio Antônio. *A hora da estrela de Clarice*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- VIDAL, Paloma. E agora – uma crônica do encontro com os manuscritos de *A hora da estrela*. In: LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*: edição com manuscritos e ensaios inéditos. Rio de Janeiro: Rocco, 2017. p. 9-42.

Recebido em: 23/10/2017.

Aprovado em: 09/12/2017.